

RESUMO/ RÉSUMÉ

**TRAÍÇÕES EDITORIAIS: *OS TRABALHADORES DO MAR*, DE VICTOR HUGO A MACHADO DE ASSIS**

Machado de Assis foi um dos inúmeros autores no século XIX a traduzir a obra do escritor francês Victor Hugo, publicando, em 1866, sob a forma de folhetim no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, o romance *Os trabalhadores do mar*, ao que precedeu sua publicação em volume. O sucesso de público e crítica alcançado pela obra e sua tradução fez com que o trabalho de Machado se tornasse referência, fosse reeditado no século XX e, mais recentemente, no século XXI. Nosso objetivo neste artigo é tornar pública a alteração da tradução de Machado operada pela Editora Abril, em sua edição de 1970, por algumas vezes reeditada, impondo, durante anos ao leitor brasileiro, até as novas reedições do texto no século XXI, um desfecho completamente díspar do romance de Hugo e da tradução de Machado.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Victor Hugo; *Os trabalhadores do mar*; tradução.

**TRAHISONS EDITORIALES : *LES TRAVAILLEURS DE LA MER*, DE VICTOR HUGO A MACHADO DE ASSIS**

Machado de Assis a été l'un des nombreux auteurs brésiliens du XIX<sup>e</sup> siècle à traduire l'œuvre de l'écrivain français Victor Hugo, tout en publiant, en 1866, dans le journal *Diário do Rio de Janeiro*, le roman *Les travailleurs de la mer*, sous forme de feuilleton ; suivi de sa publication en volume. Le succès atteint par l'œuvre et sa traduction auprès du public et de la critique a fait du travail de Machado une référence, réédité au XX<sup>e</sup> siècle et plus récemment au XXI<sup>e</sup> siècle. Le but de notre article est de rendre public le changement produit sur la traduction de Machado par l'Éditeur Abril, dans son édition de 1970, rééditée à maintes reprises, en imposant au lecteur brésilien, pendant des années, jusqu'aux éditions du texte au XXI<sup>e</sup> siècle, un dénouement totalement transformé du roman de Hugo et de la traduction de Machado.

**Mots-clé:** Machado de Assis ; Victor Hugo ; *Les travailleurs de la mer* ; traduction.

---

---

**TRAÍÇÕES EDITORIAIS: OS TRABALHADORES DO MAR, DE VICTOR HUGO A MACHADO DE ASSIS**

*Junia Barreto*

Universidade de Brasília  
junia.barreto@terra.com.br

Em 2002, ano de comemoração do bicentenário de nascimento do escritor francês Victor Hugo, uma das muitas exposições realizadas mundo afora (justamente a da *Bibliothèque Nationale de France*) se intitulou *Victor Hugo – homem oceano*. Tal formulação foi usada pelo próprio autor a propósito de Shakespeare, em seu estudo publicado durante os anos de exílio na ilha anglo-normanda de Guernesey, intitulado *William Shakespeare*, de 1864.

Assim, evocando Shakespeare, homem oceano, Hugo fala sobre si mesmo e sua própria obra. Ele, por sua vez, também homem oceano, intitulado “gênio sem fronteiras” – nas palavras de Baudelaire, escritor, poeta, político, teórico, artista de espírito inovador e visionário, foi lido, admirado, imitado e, sobretudo traduzido de ponta a ponta dos dois hemisférios, nas mais diferentes línguas.

No Brasil, em particular, o fascínio pelas ideias e pelo patrimônio artístico de Victor Hugo se produziu de maneira quase concomitante com a França, vivenciado não apenas por inúmeros poetas e romancistas brasileiros<sup>1</sup>, mas também por interesses para além do domínio literário. No campo musical, por exemplo, textos dramáticos, romanescos e poéticos do autor serviram de fonte para a composição de músicas e óperas que, no contexto brasileiro, foram de Carlos Gomes a Gama Malcher. Hugo tornou-se também referência política em nossa sociedade no século XIX, influenciando fortemente os ideais democráticos da classe intelectual brasileira, sedenta de independência e de abolicionismo. Alguns de seus textos eram constantemente citados nas tribunas, na imprensa e nos discursos de muitos políticos brasileiros, leitores e admiradores de Hugo, os mais diversos, do imperador aos abolicionistas e republicanos.

A produção intelectual de Hugo, iniciada de maneira precoce em 1812<sup>2</sup>, conheceu sua primeira tradução brasileira em 1841, a do poema XXIV da antologia *Feuilles d'automne* (*Folhas de outono*), feita por Maciel Monteiro. Hugo conta com mais de uma centena de tradutores brasileiros<sup>3</sup>, entre eles, escritores como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Olavo Bilac, Múcio Teixeira, Celso Vieira, Gonçalves de Magalhães, Tobias Barreto, Euclides da Cunha, Vinicius de Moraes; e, em pleno século XXI, a tradução de seus textos suscita ainda o interesse de tradutores e/ou pesquisadores de sua obra.

Parece-nos importante assinalar que a obra de Victor Hugo, em toda a sua extensão, compreende mais de 18.000 páginas, que abarcam o teatro, o romance, a poesia, a teoria, a crítica, a política, a história; acrescida ainda de sua literatura de viagem, sua correspondência, os fragmentos e textos inacabados, assim como um conjunto de planos e projetos não realizados.

Mais de cem anos passados da morte do escritor (Hugo, 1802-1885), o público brasileiro permanece sem conhecer a integralidade de tal legado. As obras ditas completas de Victor Hugo foram publicadas no Brasil pela Editora das Américas, em 1957, mas não abarcavam a totalidade do patrimônio hugoano. A única parte deste legado traduzido integralmente no Brasil concerne ao gênero romanescos, mesmo que só encontremos atualmente disponíveis nas

---

<sup>1</sup> Ver CARNEIRO LEÃO. A ação de Victor Hugo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Victor Hugo no Brasil*, p. 42-129.

<sup>2</sup> Registro dos primeiros textos conservados de Hugo: *L'Enfer sur Terre; Le Château du Diable*.

<sup>3</sup> Ver CARNEIRO LEÃO. Traduções brasileiras. In: \_\_\_\_\_. *Victor Hugo no Brasil*, p. 130-162, no que concerne ao período que se estende até os anos de 1950.

livrarias, em português do Brasil, quatro dos seus dez romances: *O último dia de um condenado*; *Nossa Senhora de Paris*; *Os miseráveis*; *Os trabalhadores do mar*.

*Les misérables* é o título que ganhou o maior número de traduções brasileiras (cerca de vinte), seguido por *Notre-Dame de Paris* e *Les travailleurs de la mer* (mais de uma dezena, cada um), e por último *Quatrevingt-treize* (em torno de sete).

Algumas das obras de Hugo receberam traduções e/ou reedições brasileiras neste início do século XXI, como os romances *O último dia de um condenado* (Estação Liberdade, 2002, 2010 trad. de Joana Canedo); *Notre-Dame de Paris* (Estação Liberdade, 2011, trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz), *O Corcunda de Notre-Dame* (Ediouro, 2003, trad. de Uliano Tevoniuc; Martin Claret, 2006, trad. de Jean Melville); *Os trabalhadores do mar* (Martin Claret, 2004, reedição da tradução de Machado de Assis); *Os Miseráveis* (Martin Claret, 2007, trad. de Regina Célia de Oliveira). Nesse levantamento, não foram consideradas as adaptações ou as edições paradidáticas.

Entretanto, algumas das traduções atuais preservam parte das traduções feitas para as obras completas nos anos 1950, pelos tradutores Frederico Ozanam Pessoa de Barros (*Os miseráveis*) e Hilário Correia. Nesses casos, constata-se que tais traduções se prendem a transposições majoritariamente linguísticas e semânticas, comportando, muitas vezes, erros crassos de forma e/ou conteúdo e, por vezes, transfigurando o texto literário ou o próprio projeto do autor.

Além das obras romanescas acima citadas apenas o prefácio da peça *Cromwell*, de 1827, traduzido como *Do grotesco e do sublime* (Perspectiva, 2002, trad. de Célia Berretini), um escrito de viagem, a carta nº 21, *A Lenda do belo Pecopin e da bela Bauldour* (Mercuryo Jovem, 2009, trad. Joana Canedo e adaptação de Lígia Cadernartori), que consta no conjunto dos textos de viagem intitulado *Le Rhin*, publicado em 1842, e uma adaptação de Sacha Poliakova do poema XI do livro VII de *Toute la Lyre* (publicação póstuma) - *Quiconque est amoureux est esclave...* (traduzido por Eduardo Brandão como *O ogro da Rússia*, Cia das Letrinhas, 2012) figuram na lista das obras de Hugo em português do Brasil disponíveis no mercado brasileiro. Por isso, parece-nos premente empreender uma tradução, como um todo, da obra hugoana no Brasil.

Interessa-nos tratar aqui da tradução feita por Machado de Assis do romance *Les travailleurs de la mer* (*Os trabalhadores do mar*), publicado sob a forma de folhetim entre março e julho de 1866, no jornal *Diário do Rio*, do Rio de Janeiro e, em seguida, no mesmo ano de 66, editada em 3 volumes pela Tipografia Perseverança do Rio de Janeiro. Na Europa, o romance de Hugo foi disponibilizado ao público nas livrarias francesas e belgas a partir de 12 de março do mesmo ano, editado por Lacroix, na França, e por Verboeckhoven et Cie, na Bélgica, o que revela a rapidez do trabalho da tradução brasileira do romance de Hugo. Na França o romance também será publicado em folhetim pelo jornal *Le Soleil*, a partir de 17 de abril de 1866.

Nosso objetivo é registrar e também questionar o descaso da Editora Abril, em sua reedição do romance no século XX (a partir de 1970), ao efetuar e em seguida publicar uma transfiguração literária operada na tradução machadiana.

A tradução de Machado de Assis foi, por sua vez, empreendida no mesmo ano da publicação do texto hugoano (1866) na Europa. Incomoda-nos o fato da reedição da Editora Abril do romance nos anos 70 ter permanecido invertida durante quase 30 anos, sem qualquer contestação oficial da crítica ou da academia brasileira – e muito menos do público, até que as reedições do texto, por ocasião das comemorações do bicentenário do nascimento de Hugo, em 2002, se retratassem silenciosamente da alteração grotesca operada na tradução machadiana do romance, como se nada tivesse acontecido.

O que motiva nosso artigo é, então, criticar tal *traição* editorial e o silêncio produzido em torno do fato, assim como elucidar, aos eventuais leitores do romance *Os trabalhadores do*

mar das edições que circularam dos anos de 1970 aos anos 2000 (e que ainda circulam através dos sebos), sobre a bizarra alteração feita à tradução do texto hugoano, realizada por Machado de Assis.

### A gênese do texto hugoano

Hugo iniciou o projeto do romance em seguida a sua expulsão da ilha de Jersey (em 1855), seu local de exílio após Bruxelas, e anterior a seu exílio na ilha de Guernesey. Data de 1856 a primeira nota de Hugo relativa ao projeto d’*Os trabalhadores do mar*: “un roman qui n’a pas encore de titre et qui sortira de cet archipel et de cette mer – et de la France”<sup>4</sup>. Mas a redação do texto se dará efetivamente na ilha de Guernesey, durante o calor da recusa de Hugo à anistia concedida por Napoleão III, escrito de 1864 – 04 de junho a 03 de agosto e, posteriormente, de 04 de dezembro a 29 de abril de 1865, salvo revisões e adições, seguido de sua publicação em março de 1866 (LASTER, 1981, p. 180). Em sua dedicatória, Hugo destinará seu romance à própria ilha de Guernesey: “mon asile actuel, mon tombeau probable”<sup>5</sup>. Dos “dois capítulos preliminares” inicialmente previstos, o primeiro, *O arquipélago da Mancha* (escrito principalmente em maio de 1865), será publicado apenas em 1883, e o segundo, *O mar e o vento*, aparecerá apenas na edição da *Imprimerie Nationale*, de 1911, na segunda parte do romance, livro III, capítulo 3. Os rascunhos do texto de Hugo nos fornecem, além do manuscrito concluído, notas preparatórias e fragmentárias.

Como a publicação do texto se dá ao mesmo tempo em Paris (editor Lacroix) e em Bruxelas (Verboeckhoven et Cie.), Hugo se ocupou em corrigir as provas da edição belga, enquanto seu amigo, o romancista e dramaturgo Paul Meurice se ocupou em revisar a edição francesa. Meurice incluiu na edição francesa algumas correções de Hugo, mas acrescentou a elas outras feitas por ele próprio, deixando passar ainda certo número de erros; o que faz da edição belga menos errônea e a mais próxima aos manuscritos do autor, sobretudo no que concerne à pontuação do texto<sup>6</sup>. O próprio Hugo designou a edição belga como “type” para toda edição futura do romance.

Hugo inseriu em seu manuscrito 36 desenhos e croquis seus mais ou menos relacionados ao texto. As relações entre os desenhos, sua gênese e a própria gênese dos manuscritos foram e ainda são objeto de uma série de estudos, a fim de compreender como o universo visual de Hugo teria podido interferir em seu trabalho de escritura<sup>7</sup>.

A publicação de *Les travailleurs de la mer* (*Os trabalhadores do mar*) se dá em seguida à publicação da antologia de poemas *Chansons des rues et des bois* (*Canções das ruas e dos bosques*). O romance se constitui enquanto ilustração da história do progresso técnico no século XIX e da natureza do gênio inventivo. No centro da intriga se esboça o conflito entre a autoridade da Bíblia e o espírito da Enciclopédia, que explodira no Século das Luzes. No romance, Hugo dirige os holofotes para os trabalhadores do mar, mas também trabalhadores do efêmero, do movimento. Ele arrasta o leitor em direção a um território no qual as fronteiras se desfazem e a água pode arder em chamas. Ao sabor dos elementos naturais, as ilhas do canal da Mancha vão servir a seu projeto literário. Inspirado pelo naufrágio de um barco a

<sup>4</sup> Apud Yves Gohin (Notice). In: HUGO, *Les travailleurs de la mer. Œuvres complètes*. Roman III, 2002, p. 1071. Em português: “Um romance que ainda não tem título e que sairá desse arquipélago e desse mar – e da França”.

<sup>5</sup> HUGO, *Les travailleurs de la mer*. In: *Œuvres complètes*. Roman III, p. 44. Em português: “meu asilo atual, meu túmulo provável”.

<sup>6</sup> Ver “Notice et Notes” de Yves Gohin à edição de *Les travailleurs de la mer*, na edição das obras completas já citada.

<sup>7</sup> Ver GLEIZES, *État des recherches: Genèses et interférences artistiques dans Les travailleurs de la mer*.

vapor em 1851, Hugo começa a escrever, em 1864, sob o título *O abismo*, uma estória que se passa em 1822, na ilha de Guernesey, mesmo cenário de seu próprio exílio.

Sempre preocupado em situar e coordenar suas obras, Hugo colocou-a ao final de uma trilogia não premeditada, como ele próprio anuncia numa espécie de prólogo do romance. Nessa história de navio salvo e casamento fracassado se misturam o combate de um homem contra o elemento (o oceano); uma revolta contra os dogmas e a superstição, como em *Notre-Dame de Paris*; um protesto contra as leis e o preconceito, como em *Les misérables*. Tudo se apresenta de certa forma, ligado.

O texto propõe, então, outra leitura possível dos temas hugoanos, o da conquista das máquinas pelo homem moderno. Romance da totalidade, da solidão, romance de amor, marítimo e industrial, ele dá a Hugo, sobretudo, a ocasião de explorar seu imaginário, de forçar sobre o lirismo imposto pela grandeza da natureza.

Romance aberto sobre um arquipélago e fechado sobre o mar, ele dissimula aquilo que revela: um romance de dois fundos, do abismo, romance do obstáculo em toda coisa implicada. Hugo, infatigável em sua busca de uma solução para a incompreensível angústia metafísica, maquina com as palavras assim como a natureza trama com os elementos. O autor perturba totalmente o leitor, o emociona, mostra o gênio de sua poesia e de sua prosa galhofeira, detentora de uma força surpreendente. É um romance enorme e grandioso, um texto no qual pululam rochedos e ondas monumentais, marcado por uma impressionante descrição da tempestade.

Parece-nos importante salientar que o texto se situa num encontro de gêneros romanescos (romance de aventuras, sentimental, de iniciação, épico etc.) sem, portanto, se curvar ou permitir qualquer classificação taxativa. O mistério, a imensidão, o indeterminado, o exílio, o caos e a ordem se encontram e se chocam na busca do incompreensível, metáfora de uma criação que não é apenas literária: os 36 desenhos realizados por Hugo para o romance (marinas, personagens, paisagens etc.) se definem mais como experimentações gráficas do que como ilustrações propriamente ditas. Não são desenhos feitos especificamente para ilustrar o romance, mas constituem sim um projeto gráfico paralelo do artista. Tais desenhos foram compostos por Hugo anteriormente, simultaneamente e posteriormente à obra literária, e foram em seguida inseridos juntamente ao manuscrito.

## **A trama**

A trama d'*Os trabalhadores do mar* gira em torno de Gilliat, marinheiro de lugar nenhum, enamorado do absoluto, um misto de marginal, ecologista, visionário e selvagem. Pescador solitário, apaixonado pela bela jovem Déruchette, ele deixa o mundo dos homens pelo dos pássaros, das águas e das tempestades, a fim de salvar a máquina do barco Durande e obter o amor de sua amada. Mess Lethierry, velho armador e proprietário do dito barco a vapor, que acabara de naufragar, prometera a mão da sobrinha Déruchette em casamento àquele que tirasse do fundo das profundezas, as formidáveis e novas máquinas da Durande.

Assim, Gilliat parte para afrontar o oceano por elas, Durande e Déruchette, a máquina e a mulher amada. Contra ventos e marés, contra os mais assustadores obstáculos naturais, contra o pior dos monstros, a *pieuvre* – espécie de polvo gigante, e sob o olhar malévolos de outros trabalhadores do mar interessados na fortuna de Lethierry, que fora roubada e escondida a bordo.

Gilliat alcança seu objetivo e realiza o feito: vence o monstro e recupera o que restou do barco. Mas sua proeza será em vão e seu fim será trágico. Ao descobrir que Déruchette ama Ebenezer, o reverendo do vilarejo, Gilliat se vê compelido a ajudar na fuga de sua prometida com o amante, termina por abençoar seu casamento e assiste à partida do casal no navio Cashmere. Gilliat contempla passo a passo o navio se afastar, ao mesmo tempo em que

caminha mar adentro, até não mais avistar a embarcação. No momento em que o navio se dissipa totalmente no horizonte, sua cabeça também desaparece sob a água. Não resta mais nada além do mar.



Dessin de Victor Hugo pour *Les travailleurs de la mer*  
Plume, pinceau, encre brune et lavis, rehauts de gouache blanche, 192 x 251 mm  
Source: Ms N.af. 24745, fol. 85 © Bnf - Paris

### Machado e a obra hugoana

O acesso à leitura da tradução feita por Machado de Assis do romance de Hugo acontece no Brasil quase ao mesmo tempo em que na França. Nos anos de 1860, Hugo já é um ícone na sociedade brasileira, o que permitiu o rápido acesso a sua obra. Machado não faz uma adaptação do original hugoano ou um grande condensado do texto, o que não era incomum à época. Muito ao contrário, realizada quando Machado estava com 27 anos, sua tradução consiste em um trabalho de alta qualidade, respeitando o original, mas nele interferindo a cada vez que se fez necessário à compreensão do leitor brasileiro. Vale lembrar que Machado de Assis nunca saiu do Brasil, tendo como deslocamento máximo a distância entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Pelo que indicam os estudos biográficos sobre o autor, Machado não teve um professor de francês, sendo um autodidata no aprendizado da língua.

Mas Machado foi um ávido leitor da obra de Hugo e com ela manteve relações dialógicas. Como cronista em diferentes jornais, muito citou as representações do teatro hugoano no Brasil e, como crítico, alinhou os diferentes poetas brasileiros que vogaram no sulco aberto pelo poeta.

Em 2001, organizando o trabalho de atualização da pesquisa de Jean-Michel Massa realizada nos anos 1960, acerca do acervo machadiano (o que restou de sua biblioteca, hoje sob a guarda da Academia Brasileira de Letras), José Luís Jobim atesta que 55,53% dos livros do acervo machadiano são escritos em francês, contra 23,95 em português, o restante cabendo às outras línguas como o alemão, o inglês, o russo etc. (JOBIM, 2001, p. 16).

Jean-Michel Massa afirma que entre as obras de autores franceses lidos por Machado destacam-se “Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, George Sand, Prosper Mérimée, Gustave Flaubert e as obras completas de Pierre Loti” (MASSA, 2001, p. 23).

Glória Vianna nos apresenta dados reveladores da revisão feita no acervo da biblioteca de Machado, na qual as literaturas ocupam 50% dos volumes. A literatura francesa é responsável por 19% deste total, sendo 8 volumes, títulos originais da obra hugoana (VIANNA, 2001, p. 99-274). Na biblioteca atual de Machado, segundo Vianna, 507 volumes são originais e 167 são traduções, totalizando 674 volumes. Dos originais, 237 são em francês e entre as traduções para o francês temos 146 volumes ao todo, o que atesta a presença majoritária da língua francesa (383 volumes), de seus autores e pensadores, o que justifica alguns diálogos e influências do universo francófono na obra machadiana, assim como o seu trabalho de tradutor de obras francesas ou de outras línguas traduzidas a partir da tradução francesa.

Alguns críticos e pesquisadores afirmam reconhecer a leitura de Hugo na obra de Machado desde os anos de 1850. Em 1857, ele teria publicado no jornal

a *Marmota* um poema com uma epígrafe retirada do livro *Odes e Ballades*. [...] Os textos de crítica teatral escritos no decênio de 1860 estão repletos de citações da obra hugoana. [...] A crítica literária feita por Machado de Assis nessa época também faz alusões a Victor Hugo e a seus livros (CALLIPO, 2006, p. 20-21).

A professora Daniela Callipo destaca a crítica e as referências de Machado a propósito do drama *Ruy Blas*, do poema-épico “Colombo”, do ensaio *Littérature et philosophie mêlées*, do prefácio de *Cromwell*, entre tantos outros. Destaca principalmente a presença hugoana

nas crônicas escritas ao longo dos quarenta anos de produção jornalística [...]. Victor Hugo sobressai nos textos escritos para o jornal pelo escritor fluminense. São inúmeras as citações, as alusões a personagens, os comentários a respeito de poemas, romances, peças que indicam seu interesse pela obra hugoana. Primeiramente, pode-se afirmar ser essa presença marcante: dentre as duzentas citações francesas feitas por Machado de Assis nas mais de seiscentas crônicas que escreveu, 27 são de autoria do criador de Fantine. [...] Esse cálculo não inclui as dezenas de alusões feitas ao escritor francês ou a suas personagens, nem as citações hugoanas presentes nos volumes *Crítica teatral* e *Crítica literária* (CALLIPO, 2006, p. 23).

Somado aos interesses pessoais de Machado, Callipo afirma ainda que dados levantados pela Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro e publicados na *Gazeta de Notícias*, de 2 de setembro de 1875, confirmam o interesse da própria população fluminense pela literatura francesa, de forma geral, visto que 25% das obras consultadas na referida biblioteca eram escritas em francês (CALLIPO, 2006, p. 23).

Eliane Ferreira, em seu estudo sobre a tradução no Brasil do século XIX, nos chama a atenção para o posicionamento do Machado tradutor:

A tradução no século XIX brasileiro, em uma sociedade pós-Independência pressionada pela modernização, funcionou como um veículo de transferência cultural e se revelou como componente da formação da identidade cultural da nação na medida em que, ao traduzir o outro, gerava o encontro do próprio. Machado de Assis, no decorrer de sua carreira literária, percebeu esse mecanismo e alertou para os perigos advindos da absorção de uma cultura exógena sem um posicionamento crítico. [...] A reflexão de Machado de Assis é a de que a tradução, embora constituindo um canal de modernização, pode representar um entrave ao surgimento de talentos nacionais, devido a sua onipresença no cenário cultural da capital do império, isto é, nos saraus literários, nos folhetins e nos tablados (FERREIRA, 2004, p. 28).

Apesar do interesse de Machado pela obra de Hugo parecer notório, tudo indica que os motivos que levaram o escritor a traduzir *Les travailleurs de la mer* estariam relacionados ao fato de a direção de o *Diário do Rio de Janeiro*, periódico para o qual trabalhava Machado, ter adquirido os direitos sobre a obra através de *Lacroix*, o editor francês de Hugo (MASSA,

2008, p. 30). Maiores detalhamentos a propósito da gênese do trabalho de tradução permanecem, portanto, não totalmente elucidados.

O estudo de Jean-Michel Massa, *Machado de Assis tradutor*, revela que foram quase 50 obras traduzidas por Machado, praticamente todas feitas a partir da língua francesa, mesmo no caso de textos originariamente em outras línguas como, por exemplo, no caso de *Oliver Twist*, de Charles Dickens, cuja versão brasileira foi feita a partir de uma tradução francesa, ou ainda o caso do poema *O corvo*, de Edgar Allan Poe, que Machado se baseia, sobretudo na tradução francesa de Baudelaire (MASSA, 2001, p. 92-97).

É preciso lembrar que Machado, ainda jovem, assumia grande quantidade de ofícios, escrevendo para diferentes periódicos da imprensa.<sup>8</sup> Muitos trabalhos, sobretudo o de tradução de peças teatrais, eram realizados sob encomenda, como a tradução de peças teatrais para o ator e empresário Furtado Coelho. Machado começou a traduzir por volta de 1857, aos 18 anos, e sua atividade nesse campo continuou até 1894, provavelmente um momento de vida em que não necessitava mais de qualquer complemento financeiro para assegurar seu orçamento.

### *Os trabalhadores do mar*

Ainda hoje, nas diferentes edições brasileiras disponíveis d'*Os trabalhadores do mar* (Ediouro, Martin Claret, Nova Alexandria), a referência maior é a tradução feita por Machado, em 1866, o que prova a respeitabilidade do trabalho por ele empreendido. A tradução de Machado, que inicialmente surge de forma folhetinesca no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, publicada de 15 de março de 1866 a 29 de julho de 1866, aparece sem a assinatura do tradutor. A ausência do nome do tradutor, segundo Costa, não causa espanto no caso dos textos traduzidos nos jornais brasileiros do século XIX, porque ressalta a invisibilidade do mesmo (COSTA, 2006, p. 107). Após sua publicação em folhetim, a tradução de Machado ganhará, em seguida, sua publicação em três volumes, pela Tipografia Perseverança, desta vez com o nome do tradutor.

Nosso contato com o romance de Hugo, *Les travailleurs de la mer*, até o ano de 2001, havia se dado unicamente através da leitura e do estudo do texto no original. Neste mesmo ano recebi um telefonema do prof. Eduardo de Assis Duarte, da UFMG, que, sabendo da minha pesquisa sobre o autor e sua obra, tinha uma dúvida a esclarecer, visto que, durante sua leitura da tradução de Machado, publicada em 1971 pela Abril Cultural – o volume 18 da coleção “Os Imortais da Literatura Universal”, havia achado “um tanto pós-moderno o desfecho do texto” e queria confirmar a pertinência de tal desfecho com relação ao texto original. Foi assim que, diante do impasse, esquadrinhei a tradução de Machado da referida edição e constatei não uma traição de tradução (pois toda tradução implica, de certa forma, uma traição ao original), mas uma traição de publicação.

Assim, verifiquei que em várias edições da obra no século XX, notadamente naquelas que alcançaram maior popularidade – as do Editor Victor Civita, da Editora Abril, os leitores brasileiros de Hugo conheceram o texto em português (com a tradução de Machado de Assis) adulterado, devido a uma mudança crucial na cronologia da narrativa – muito provavelmente devido a um erro de edição, durante anos despercebido e muitas vezes reeditado, o que imprimiu ao romance hugoano um desfecho totalmente inverossímil e avesso ao projeto literário de Hugo.

O romance *Les travailleurs de la mer* é dividido em três (3) grandes partes, dedicadas a três (3) personagens – Sr. Clubin, Gilliat e Déruchette, e cada parte é dividida em livros: a

<sup>8</sup> Ver PEREIRA, 1988, p. 94-106; e MELLO FRANCO; LACOMBE, 2003, p. 95-96.



primeira (1ª) é composta de sete (7) livros; a segunda (2ª) de quatro (4) livros e a terceira (3ª) de três (3) livros. Cada um desses livros é subdividido em capítulos.

Durante as muitas edições do Editor Victor Civita, responsável pelas publicações da Abril, ao longo de anos, o 4º livro da *segunda parte*, que corresponde ao combate do personagem Gilliat com o temível polvo gigante nas profundezas do oceano foi deslocado de seu lugar na narrativa e transportado para a *terceira parte*, ficando situado após o desfecho da narrativa no texto original. A retirada do livro 4º, “O forro do obstáculo”, do final da segunda parte, deixou a mesma sem conclusão, pois o penúltimo capítulo do 3º livro da referida parte, intitulado “O combate”, anuncia uma luta qualquer, que não acontece. O leitor fica, então, em suspense do que vai acontecer e subitamente intervém o início da terceira parte, com a chegada triunfal de Gilliat à cidade de Saint-Sampson, a estória de Déruchette e a partida do navio Cashemere.

Ora, no original, ao término da terceira parte, o personagem Gilliat, após todas as agruras e dificuldades vencidas pelo amor de Déruchette, diante da decepção de um sentimento não correspondido e da repugnância da jovem por sua figura, esse homem sem nome – ele era conhecido pelo nome da mãe, “a Gilliat”, se suicida, caminhando mar adentro, seguindo o navio que levava Déruchette e seu amante.

Após a iminente e indicada morte por afogamento de Gilliat, no capítulo “A grande tumba”, os leitores das edições de Victor Civita, com a alteração dos livros, leem que o personagem, após *morrer*, “acordou, teve fome”. Ele está então no seu barco, ao lado do rochedo de Ortach, após sobreviver à tempestade (depois de morto!). Tem fome e precisa caçar para cumprir sua “tarefa”. Há dois meses está no mar e só se alimenta dos chamados piolhos marinhos, ouriços e castanhas do mar que encontra nos rochedos. É quando, na arcaria ogival do rochedo, encontra o monstro – a *pieuvre*, um assustador polvo gigante, com quem travará um combate memorável. Após lutar com o monstro, encontrar a caixa com o dinheiro de Mess Lethierry, se debater com o arrombamento do barco e recuperá-lo para retornar a Saint-Sampson ele aproa em Guernesey, com a narrativa se fechando da seguinte forma: “No momento em que se afastava do escolho, alguém que lá estivesse tê-lo-ia ouvido entoar a meia voz, a canção *Bonny Dundee*”, deixando o leitor no mínimo em suspense.

Diante do erro da editora, alterando a ordem da tradução de Machado, é surpreendente para o leitor o efeito de estranhamento impresso à narrativa de Hugo. Assim como, segundo nossas pesquisas, parece surpreendente que não tenha sido questionado no meio acadêmico, durante anos, como seria possível tamanha incongruência em uma narrativa hugoana de meados do século XIX, que, com tais características, seria ao menos uma precursora precoce do surrealismo.

Não se pretende aqui operar um estudo da tradução de Machado, também *homem oceano*, que acreditamos ter cumprido, com êxito, a tarefa do tradutor, fazendo com que sua tradução não se constituísse nem como a imagem e nem como a cópia do texto de Hugo.

O que está em questão é a *traição* efetuada pelo mercado editorial que, por mero descuido ou descaso pela obra de Hugo, pela tradução de Machado e, sobretudo pelo próprio leitor brasileiro, permitiu, durante mais de trinta anos, a ampla circulação de um texto adulterado (tanto o do tradutor, como, conseqüentemente, o do autor), produzindo um sentido totalmente díspar ao do original e sua tradução para o leitor brasileiro.

Em seu *William Shakespeare*, Hugo diz que o tradutor repercute o trabalho do poeta (HUGO, 2002, p. 462). Em seu ensaio sobre os tradutores argumenta ainda que, da mesma forma que os grandes escritores são “enriquecedores da língua” (HUGO, 2002, p. 632), os tradutores “aumentam a elasticidade da língua”, formam “pontes entre os povos”.

Para os leitores interessados em aventurar-se na leitura dessa epopeia marítima de Hugo em português, assinalamos que, a partir de 2000, toda edição com a tradução de Machado de Assis figura sem alterações nas edições brasileiras de *Os trabalhadores do mar*. Texto que

propicia um raro encontro de gênios literários, autor e tradutor, homens-oceano, juntos na mesma tarefa, *trabalhadores do mar*.

*Il y a des hommes océans en effet.*

(HUGO, *William Shakespeare*)

### Referências bibliográficas

CALLIPO, Daniela Mantarro. Rimas de sândalo e ouro: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis. *Signótica*, v. 1, n. 1, Goiânia, p. 17-42, 2006.

CARNEIRO LEÃO. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

COSTA, Lúcia Lima da. *Machado de Assis tradutor: o labirinto da representação*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

GLEIZES, Delphine. *Etat des recherches: Genèses et interférences artistiques dans Les travailleurs de la mer*. Groupe Hugo. 21 set. 1996. Disponível em: <<http://groupugo.div.jussieu.fr/groupugo/doc/96-09-21Gleizes.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

HUGO, Victor. *Les travailleurs de la mer. Œuvres Complètes*. Roman III. Notices et notes de Yves Gohin. Paris: Robert Laffont, 2002 [1985]. p. 43-343.

\_\_\_\_\_. *Les traducteurs*. In: HUGO, Victor. *Proses philosophiques de 1860-1865. Œuvres complètes. Critique*. Paris: Robert Laffont, 2002. p. 618-638.

\_\_\_\_\_. *Os trabalhadores do mar*. Trad. de Machado de Assis. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os trabalhadores do mar*. Trad. de Machado de Assis. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. *William Shakespeare. Œuvres complètes. Critique*. Paris: Robert Laffont, 2002. p. 237-463.

JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

LASTER, Arnaud. *Pleins feux sur Victor Hugo*. Paris: Comédie-française, 1981.

MELLO FRANCO, Afonso; LACOMBE, Américo (orgs.). *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Três, 2003.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.



**Octopus avec les initiales de Victor Hugo – 1866  
Paris – Bibliothèque Nationale de France**